



A lesão como escrita no corpo

Clarice Medeiros

Graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro / UFRJ (Rio de Janeiro, Brasil)
Doutora em Psicologia Clínica (PUC-Rio)

Mestre em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro / UFRJ (Rio de Janeiro, Brasil)
Especialista em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do
Rio de Janeiro / PUC-Rio (Rio de Janeiro, Brasil)

Docente da Graduação em Psicologia e da Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica e Prática Clínico Institucional
da Universidade Veiga de Almeida

Supervisora de equipe de Psicanálise e Coordenadora do Serviço de Psicologia Aplicada da Universidade Veiga de
Almeida

E-mail: claricemdrs@gmail.com

Resumo: A presença da lesão é buscada pela medicina, com o objetivo de autenticar uma patologia ou uma dor. Propomos nesse trabalho pensar a lesão, do ponto de vista da psicanálise, como uma escrita no corpo. Ao articularmos lesão e trauma, acreditamos ser possível concebê-la como uma marca do real que incide sobre o corpo do sujeito. A lesão configura-se assim como um destino possível, singular, diante do encontro com o real. Da cifra à letra, a aposta da análise é, ao invés de contar lesões (cifra de gozo), que o sujeito possa ir contar a sua história, sempre singular.

Palavras-chave: psicanálise; lesão; trauma; escrita; letra.

La blessure comme une écriture sur le corps: La présence de la lésion est recherchée par la médecine, dans le but d'authentifier une pathologie ou une douleur. Nous proposons dans cet article de considérer la lésion, du point de vue de la psychanalyse, comme une écriture sur le corps. Lorsque nous articulons blessure et traumatisme, nous pensons qu'il est possible de concevoir que la blessure peut être une marque du réel qui affecte le corps du sujet. La lésion est ainsi configurée comme un destin possible, unique, face à la rencontre avec le réel. Du chiffre à la lettre, le pari de l'analyse est que, au lieu de compter les blessures (chiffre de jouissance), le sujet peut raconter son histoire toujours singulière.

Mots-clés: psychanalyse; blessures; traumatismes; écriture; lettre.

The injury as a body writing: The presence of the lesion is sought by medicine with the purpose of authenticating a pathology or a pain. We propose in this paper to think of the injury, from the point of view of psychoanalysis, as a writing on the body. When we articulate injury and trauma, we believe it is possible to conceive it as a mark of the real that affects the subject's body. The lesion is thus configured as a possible, unique destiny, in face of the encounter with the real. From the cipher to the letter, the bet of the analysis is that, instead of counting injuries (cipher of jouissance), that the subject can go on to tell his always singular story.

Keywords: psychoanalysis; injury; trauma; writing; letter.

A lesão como escrita no corpo

Clarice Medeiros

Introdução

Dentro de uma perspectiva médica, a lesão é definida como uma alteração anormal em um tecido corporal. Pode ser um corte ou uma ferida, mas também a ação de um agente patogênico que produza um problema metabólico, fisiológico ou imunológico. De uma forma ou de outra, a lesão sempre diz respeito a um dano provocado no organismo.

A partir da escuta de pacientes com lesões, esse tema emergiu. Um paciente, por exemplo, ex-atleta, chega ao consultório queixando-se de suas dores. Sentia dor no pé de tanto correr, dor no ombro oriunda de uma lesão ocasionada pelos anos dedicados ao esporte, uma dor no antebraço em razão da musculação. Ele era um "prepara-dor físico". Em outro caso, a paciente relatava as dores que sentia na coluna, em razão de uma hérnia, que a impediam de andar, sentar e até mesmo deitar. Quando tinha dezoito anos, operou a coluna, mas a dor ainda persiste, em menor proporção. Esses são apenas dois casos que nos impeliram a pensar a lesão do ponto de vista da psicanálise.

Este trabalho nos direcionou, primeiramente, para os escritos de Freud sobre a guerra, onde ele aborda a problemática presença da lesão nos ex-combatentes. As marcas deixadas no corpo e o terror presenciado pelos soldados impeliram Freud a retomar a noção o trauma, submersa na teoria psicanalítica em virtude das noções de fantasia e realidade psíquica. Com o fim da I Guerra Mundial, Freud atendeu diversos casos de pessoas que haviam sofrido feridas e lesões nos confrontos e essa clínica foi um dos fatores que o permitiu rever e reestruturar a teoria psicanalítica, culminando na segunda tópica do aparelho psíquico e no segundo dualismo pulsional. O fim dos confrontos elevou o número de pacientes traumatizados e, enquanto a medicina insistia em caracterizar as neuroses de guerra como decorrência de um dano orgânico, Freud (1919/1996) defendia que "não há dúvidas quanto à natureza psíquica das causas determinantes das neuroses de guerra" (pp. 228).

De saída, perceberemos o entrelaçamento da lesão ao trauma. A noção de traumatismo é herdeira da medicina e da clínica cirúrgica e diz respeito às consequências de ferimentos ou lesões causadas por um choque mecânico, ou seja, por uma violência de origem externa e pressupõe uma marca visível e manipulável pelo médico. Na linguagem médica, o trauma é oriundo de uma lesão de extensão, intensidade e gravidade variáveis, que pode ser produzida por agentes externos diversos (físicos, químicos etc.), de forma acidental. Também pode ser uma agressão emocional capaz de desencadear perturbações psíquicas e somáticas (Canavêz & Herzog, 2011).

Entretanto, as constatações freudianas marcam um distanciamento da teoria psicanalítica do discurso médico. A descrição do trauma não somente como um dano corporal decorrente da guerra, mas principalmente como um impacto psíquico que uma experiência pode causar, põe em relevo a importância do psiquismo na experiência traumática. As neuroses de guerra são tomadas por Freud (1919/1996) como exemplos paradigmáticos das neuroses traumáticas: "as neuroses de guerra, na

medida em que se distinguem das neuroses comuns por características particulares, devem ser consideradas como neuroses traumáticas” e “ocorrem também em tempos de paz, após experiências assustadoras ou graves acidentes” (Freud, 1919/1996d, pp. 224-225). Em ambos os casos, o eu procura se defender de um perigo que o ameaça, seja ele interno ou externo.

Se nessa época Freud estava às voltas em solucionar a questão de se a neurose traumática poderia fornecer o modelo de todas as patologias orgânicas neuróticas, atualmente, poderíamos refletir sobre a contribuição da psicanálise para o campo das patologias orgânicas, em especial, a lesão.

O trauma, subjetivo

Freud abordou o traumático em diferentes momentos de sua obra, mas não é nosso intuito recortar da sua obra suas diversas contribuições para essa noção, mas sim ressaltar e que desde sempre permaneceu demarcado foi a presença do fator subjetivo, demonstrando a existência de uma realidade psíquica que impede uma redução do trauma ao evento fatídico.

Intrigado pela da clínica da histeria, Freud, em um primeiro momento, a trata como equivalente à neurose traumática, nomeando-a de histeria traumática. Esta seria oriunda de um acidente, em que o sujeito se deparava com um perigo de vida iminente trauma. Freud (1893/1996) considerava necessário equiparar o fator determinante na histeria comum ao da histeria traumática, pois “mesmo no caso do grande trauma mecânico da histeria traumática, o que produz o resultado não é o fator mecânico, mas o afeto de terror, o trauma psíquico” (Freud, 1893/1996, pp. 40). Com essa proposição, encontramos um alargamento da histeria traumática, uma vez que a histeria diria respeito mais ao trauma psíquico decorrente do acidente do que do fato em si, de modo que o fenômeno histérico seria determinado pela natureza do trauma.

Em *Além do princípio do prazer*, Freud (1920/1996e) recolhe os efeitos da guerra e retoma a noção de trauma. Nessa nova teorização, o trauma diz respeito a quaisquer excitações que sejam suficientemente poderosas para atravessar o escudo protetor e tirar de ação o princípio do prazer, pondo o sujeito em estado traumático. Diante disso, não haveria mais a possibilidade de impedir que o aparelho psíquico fosse inundado com grandes quantidades de estímulos. O trauma ocorre quando há o rompimento do escudo protetor do psiquismo em razão de um excesso de excitação que não pôde ser metabolizado, seja por uma incapacidade estrutural ou contingencial, seja pelo fator surpresa. A consequência disso seria a presença de uma intensidade excessiva e livre, ocasionando o desmanche de parte da rede psíquica.

Esses breves recortes da noção freudiana de trauma pode ser aproximada do conceito lacaniano de real, definido como algo que escapa, que se encontra além da insistência dos significantes comandados pelo princípio do prazer. Tanto trauma como real estariam fora da regência do princípio do prazer e, dessa maneira, situam-se além e aquém do significante. Como extraímos da teoria do trauma em Freud o caráter de ruptura da rede representacional, ao

aproximar trauma e real, Lacan também propõe que o trauma possui um caráter inassimilável no psiquismo, podendo ser concebido como fora do significante. Pensar o trauma, articulado à noção de real, como sendo da ordem do incompreensível, inarticulável, e até mesmo do impensável, aponta para o buraco aberto na relação do sujeito com o Outro, “antes mesmo que esse Outro possa se constituir como um lugar onde se buscar respostas para aquilo que não se entende, mas que deixa marcas” (Barros, 2015, pp. 1). Com efeito, o encontro com o real diz respeito a um “encontro marcado, ao qual somos sempre chamados, com um real que escapole” (Lacan, 1964-1965/2008b, pp. 59).

Nesse sentido, se por um lado, é possível conceber, pela perspectiva lacaniana, a existência de um trauma orientado pela língua, ou seja, a maneira como a linguagem incidiu sobre cada sujeito, por outro, também lidamos com a incidência de eventos fatídicos que convoca ao encontro inominável com o real a partir daquilo que já fora previamente marcado. Dito de outro modo, “o encontro com o trauma se dá segundo dois aspectos: um deles é o reencontro com o mal-estar original de desamparo, o outro celebra, reiteradamente, o incomensurável gozo de um encontro surpreendente com um gozo sem nome” (Caldas, 2015, pp. 12). Se o traumático é sempre atravessado pelo resto não assimilável, a linguagem pode rodeá-lo, mas não absorvê-lo completamente. O real se apresenta como aquilo que, por sua aparência de acidental, é inassimilável. Pode se apresentar como um acidente, um “barulhinho, a pouca-realidade, que testemunha que não estamos sonhando” (Lacan, 1964-1965/2008b, pp. 64).

Ao abordar o trauma, Lacan (1964-1965/2008b) faz uso das noções referentes à repetição, *automaton* e *tiquê*. Enquanto a primeira é concebida como uma repetição da rede de significantes, a segunda, *tiquê*, diz respeito ao encontro com o real, e, por isso, está além do jogo dos signos e significantes, além da fantasia, além do princípio do prazer. Assim, “a função da *tiquê*, do real como encontro (...) se apresenta, na história da psicanálise, de uma forma que, só por si só, já é suficiente para despertar nossa atenção – a do traumatismo” (Lacan, 1964-1965/2008b, pp. 60). Tanto *automaton* quanto a *tiquê* são acontecimentos excepcionais sem serem concebidos como absurdos ou irracionais e podem, em geral, ser assimilados à noção de acaso, pois dizem respeito a algo que ocorre fora do alcance da razão humana, dificultando que se lhes atribua uma inteligibilidade. Nessa perspectiva, Garcia-Roza (2003) explica a noção de causa acidental, utilizada por Lacan para tratar do real. O autor concebe que somente o *automaton* pode ser compreendido como aquilo que acontece sem nenhuma deliberação humana ou divina e cujo efeito não era esperado, definindo-se, portanto, como mais próximo do acaso. A *tiquê*, diferentemente, não remete ao acaso porque “ela designa muito mais um destino, algo ao qual o homem é submetido e que é exterior aos próprios acontecimentos” (Garcia-Roza, 2003, pp. 40). Dessa maneira, ao definir o real como um lugar que se dá entre destino e acaso, a noção de trauma afina-se com esse campo, uma vez que ele é fruto tanto da repetição como do indeterminismo.

Lacan (1973-1974/2018) cria o neologismo *troumatisme* para descrever o trauma, aliando o furo (*trou*) do simbólico com o trauma advindo do real: "lá aonde não há relação sexual, isso produz um buraco que traumatiza (*troumatisme*)" (pp. 144). Soler (1998), por sua vez, faz uso da equivocidade do neologismo proposto por Lacan e associa o trauma ao *tropmatisme*, àquilo que é *trop*, que é demasiado e excessivo. Com isso, o trauma pode ser entendido não somente pela via de um furo, como no neologismo lacaniano, mas inscrito também no registro do excesso. Apreendemos com Freud e com Lacan que o trauma não é somente o buraco, mas também algo que excede, causa ruptura, que é insuportável para *aquela* sujeito. Trata-se de algo que é impossível de antecipar, evitar ou conter de antemão, já que remete a um real que parece excluir a incidência do inconsciente e o desejo daquele que padece do trauma, deixando-lhe sequelas. Dessa maneira, o trauma como *troumatisme* é também um *tropmatisme*, sendo ao mesmo tempo buraco e excesso, insistência com suas marcas indelévels, que se referem ao mais singular de cada um e requerem uma forma de defesa para lidar com o retorno incômodo de um gozo fora de sentido, um acúmulo de excitações que se situam além do princípio de prazer, além do que se pode contabilizar e eliminar (Barros, 2015).

Então, a aproximação entre real e trauma permite entrever a dimensão daquilo que se impõe a cada sujeito falante, que escapa da rede significante, mas da qual apenas podemos ter acesso pelas coordenadas subjetivas próprias. Disso, apreendemos que não temos acesso ao trauma do real, apenas ao trauma já infiltrado no fantasma de cada um. Dessa forma, ao mesmo tempo em que ele confronta o sujeito para construir um sentido, há algo que lhe é estruturalmente inassimilável.

Importante salientar, ainda, que geralmente, a violência do evento costuma ofuscar o fator subjetivo, tão ressaltado por Freud e isso justifica a presença da psicanálise no campo do trauma, por ela dar ênfase modo como um determinado evento é experienciado. A particularidade da psicanálise dentre os demais discursos e saberes que abarcam o trauma é justamente considerar a dimensão subjetiva. Claro que a violência, o acidente, a catástrofe, a urgência que frequentemente acompanham o trauma estão presentes em sua constituição. Entretanto, admitir a existência do horror que acompanha o trauma torna-se válido na medida em que "o sujeito apresenta-se como esmagado pelo evento que parece carimbá-lo como traumático" (Vieira, 2008, pp. 510). Por isso, "algo surpreendente *em si* não existe. Muita coisa acontece na vida, mas o que dela surpreende é o que me toca como sujeito" (Vieira, 2008, pp. 511). Existiria para a psicanálise uma premissa de que há em qualquer trauma um "fator subjetivo" ineliminável. Para além do fato *em si*, algo singular do sujeito precisa entrar em ação para que se possa definir um trauma.

A noção de trauma não é de fácil localização para a psicanálise. Se por um lado, ela guarda, em relação à linguagem e ao corpo, a posição íntima de uma experiência vivida fora de si, como fundante do aparelho psíquico em razão da incidência da linguagem, por outro, seus impactos deixam marcas na dimensão espacial do corpo. Corpo este que não é apenas a *gestalt* do eu, produzida pelo estádio do espelho, e nem o corpo fálico, ordenado pelo campo do simbólico, de modo que "o corpo

no trauma predomina como real, fora dos semblantes, fora do inteligível e calculável, fora de si. É um ponto de gozo (...) o gozo no corpo como Outro” (Caldas, 2015, pp. 6).

A lesão como um destino do trauma

A partir da neurose de guerra, Freud (1920/1996e) pôde conceber que um grande dano físico causado pelo trauma diminui a possibilidade de uma neurose se desenvolver. A justificativa para isso era a de que ao mesmo tempo em que a violência do trauma libera uma quantidade de excitação sexual que, diante da ausência de uma proteção eficiente, teria um efeito traumático, o dano físico (lesão) simultâneo causado por este impacto exigiria um investimento narcísico na parte do corpo lesionado, o que sujeitaria o excesso de excitação liberada.

Esse investimento narcísico na região corporal lesionada já havia sido mencionado em 1914, em seu texto sobre o narcisismo. Nesse ensaio, Freud (1914/1996) descreve a experiência da dor sendo associada à doença orgânica e ao narcisismo, citando a célebre frase de Wilhelm Busch a respeito do poeta que sofre de dor de dente: “concentrada está a sua alma no estreito orifício do molar” (pp. 89). Com isso, indicava que, na dor e na doença orgânica, o enfermo retira o interesse e a libido do mundo, concentrando-os no órgão dolorido ou doente. Aquele que é tomado pela dor e por um mal-estar abandona seu interesse pelos objetos do mundo exterior e o concentra em uma região corporal.

Dessa forma, a lesão pode ser considerada a marca do trauma em certos pontos de impacto no corpo inclusos na economia narcísica. O sujeito incorpora um real que é impossível de simbolizar. Esse encontro com o real, ao mesmo tempo em que desorganiza a economia psíquica, a reconfigura (Assoun, 2009). Ao marcar o corpo, a lesão permite que o caos se circunscreva em uma determinada região. Acreditamos ser mais interessante, portanto, conceber a lesão não como origem do trauma, mas como um de seus possíveis destinos. Trata-se de um impacto corporal que produz uma descontinuidade entre o antes e o depois, mas se insere, de alguma forma, na história de vida do sujeito. Nesse sentido, ao conceber a lesão como destino e não origem, estamos, por um lado, procurando marcar o distanciamento freudiano do discurso médico que, ao contrário, toma a lesão como sendo a razão do trauma – “ficou traumatizado porque perdeu a perna”, por exemplo. Por outro, buscamos acentuar que a noção de causalidade fica comprometida quando abordamos a lesão na perspectiva psicanalítica, pois, ao considerá-la como destino, queremos marcar que ela aparece como uma modalidade de expressão do trauma, um direcionamento, uma circunscrição possível daquilo que é excessivo.

A descrição do trauma não somente como um dano corporal decorrente da guerra, mas principalmente como um impacto físico que uma experiência pode causar, põe em relevo a importância do psiquismo na experiência traumática. Dessa forma, ao relacionarmos a lesão ao trauma, entendemos que o impacto corporal que este evento terá para o sujeito é sempre singular. A lesão pode comparecer como expusemos com Lacan (1973-1974/2018): uma possibilidade de

invenção por parte do sujeito para responder ao buraco e ao excesso do Real (*troumatistme/tropmatisme*). Lacan (1975-1976/2007), a partir do estudo do escritor James Joyce, propõe que a invenção seja da ordem do escrito, pois foi a escrita da obra literária o que permitiu uma invenção de Joyce para lidar com o real. A invenção emerge como uma resposta, possível e singular do sujeito diante do encontro abrupto com o real.

A lesão como escrita

Para pensarmos as marcas deixadas pelo trauma e aproximarmos a lesão de uma escrita no corpo, partiremos do modelo freudiano apresentado na *Carta 52*, onde a noção de signo de percepção nos parece cara. Freud (1986/1996) desenha, nesse ensaio, um aparelho psíquico em que o material presente na memória seria composto por traços, o que não ocorreria de uma só vez, mas se desdobraria em diversos tempos e sofreria rearranjos. Não se trata apenas de um aparelho de memória, mas de um psiquismo marcado pela linguagem, ou seja, “a memória desse aparelho é a memória de linguagem, de uma escritura” (Garcia-Roza, 2004, pp. 29), o que demonstra a ausência de uma anterioridade da memória e da linguagem, uma vez que sem uma ou outra não há aparelho psíquico. Freud concebe, assim, não um aparato psíquico que o sujeito traz ao nascer, sendo análogo a uma maturação biológica, mas sim um psiquismo que precisa ser constituído em relação ao Outro. Desta forma, reconhecemos o simbólico como fundante e não resultante deste aparelho.

Na *Carta 52*, aparece o modelo fornecido por Freud, em que percepção, memória e consciência são apresentados como sistemas diferentes. A novidade exposta por Freud em relação ao *Projeto para uma Psicologia Científica* (1895/1996) - ensaio anterior onde também há a descrição do aparelho psíquico - é uma ampliação da noção de memória, ao inserir um complexo sistema de retranscrições. Especificamente, *Wahrnehmungen (W)* são os neurônios onde se originam as percepções e aos quais se liga a consciência. Eles não retêm nenhum traço mnêmico do que aconteceu. *Wahrnehmungszeichen (WZ)* são os signos de percepção, onde acontecem as primeiras inscrições das percepções, mas ainda são inacessíveis à consciência e são orientadas pelas associações por simultaneidade – aqui ocorre o primeiro registro mnêmico. No registro seguinte, inconsciência, *Unbewusstsein (Ub)*, há a segunda transcrição, ordenada não mais pelas associações por simultaneidade, mas provavelmente por associações de causalidade, também inacessíveis à consciência. O último registro, denominado pré-consciência, *Vorbewusstsein (Vb)*, no qual ocorre a terceira retranscrição ligada a imagens verbais ligadas à representação-palavra, corresponde ao eu como tal – esse registro torna o acesso ao consciente possível, segundo certas regras.

A respeito do funcionamento desse aparelho psíquico, Freud (1896/1996) explica que a percepção (*W*), à qual a consciência se liga, não conserva nenhum traço e os primeiros registros da percepção ocorrerão em *Wz*, signo de percepção. O signo de percepção é um momento primário da elaboração mnêmica, anterior à inscrição da memória, onde se formam os representantes, e posterior à sensação/percepção. A partir da descrição do aparelho psíquico apresentado na *Carta 52*, notamos

a presença de diferentes camadas que o material mnêmico atravessa. Essa disposição denota o contraste entre os signos de percepção, por um lado, e registros da inconsciência e da pré-consciência, por outro. Essa diferença implica em reconhecermos que por um lado temos as marcas não ligadas às representações, ou seja, que não sofreram processos de reordenamento, mantendo-se praticamente da mesma forma de quando foram constituídas e, por outro, os traços que sofreram retranscrições podendo advir à consciência desde que não despertem desprazer, já que fazem parte da cadeia de representações-palavra (Antonello & Herzog, 2012).

Ao inconsciente (*Ub*) é reservada a memória. Nesse registro, os signos de percepção se organizam formando os traços e estes correspondem às inscrições destes signos (*Wz*) no sistema inconsciente, formando um sistema de traços (representação) e não estando mais isolados. Notamos que, nesse aparelho, a representação não está pronta, pois ela vai se estruturando através de traços de memória, que irão, posteriormente, se (re)organizar formando as representações. Estas se remetem umas às outras de tal maneira que formam uma rede de articulação. Lacan (1959-1960/2008a), sobre isso, comenta que o que nos faz progredir de uma significação do mundo a uma fala formulada, ou seja, à cadeia que vai do mais arcaico inconsciente à forma articulada do sujeito, ocorre entre *Wahrnehmung* e *Bewusstsein*, isto é, entre a percepção e a consciência. O inconsciente intervém à medida que a estrutura significante interpõe-se entre a percepção e a consciência, mas não mantendo certa cota de investimento e sim como um trilhamento (*Bahnungen*): "a estrutura da experiência acumulada reside aí e permanece aí inscrita" (Lacan, 1959-1960/2008a, pp. 66).

Portanto, esse novo esquema do aparato psíquico está concentrado nas noções de signo, inscrição e transcrição, que se aproximam das de linguagem e de escrita. Por isso, Gouvea (2007) chama a atenção para o termo em alemão utilizado por Freud para designar o signo de percepção (*Wz*) ser *Niederschrift*, *Nieder* (abaixo) e *schrift* (escrita), traduzido em português como inscrição. Nessa perspectiva, Lacan (1959-1960/2008a), por sua vez, considera que a teoria freudiana da memória gira em torno das inscrições (*Niederschriften*).

Na carta 52, a *Wahrnehmung*, ou seja, a impressão do mundo exterior como bruta, original, primitiva está fora do campo que corresponde a uma experiência notável, ou seja, efetivamente inscrita em algo sobre o qual é completamente surpreendente que na origem de seu pensamento Freud o expresse como uma *Niederschrift*, algo que se propõe, portanto, não simplesmente em termos de *Pragung* e de impressão, mas no sentido de algo que constitui o signo e que é da ordem da escrita (Lacan, 1959/2008a, pp. 65).

Contudo, o signo de percepção não é representação. Com a *Carta 52*, o alargamento da conceituação da memória permite conceber que o signo de percepção é uma marca deixada no aparelho psíquico, mas sem ainda poder ou nunca poder ser representante. Há uma inscrição, mas que não é significante e por isso se aproxima da noção de escrita. O signo de percepção, por ser exterior à linguagem e ao sentido, ainda não se insere na cadeia de representações. Os traços não

estão ligados e não formam séries e devem ser entendidos como signos isolados, podendo ser configurados como mais próximos à ordem do sinal ou do índice do que à do significante (Garcia-Roza, 2004). As marcas do signo de percepção caracterizam-se por não serem traduzidas e serem impressões psíquicas desregradas e desarticuladas em uma trama de trilhamentos e, portanto, não passam por todo o procedimento descrito na *Carta 52*, subsistindo como marcas psíquicas e mantendo-se fora dos sistemas de representações e das regras aplicadas a estas (Antonello & Herzog, 2012).

Tendo isso em vista, Nudelman, Mayrink, Vieira, Alba, Gouvêa e Lage, (2017) explicam que ao ligar a percepção ao signo é criada uma antecipação lógica na qual é possível localizar uma pré-figuração do inconsciente. Intrigadas por aquilo que incide diretamente no corpo, fora linguagem, as autoras se debruçaram sobre o signo da percepção. Esta noção aponta para o real que incide sobre o eu-corpo, sem intermediação do sistema mnêmico e das representações, deixando marcas no corpo. Ou seja, o signo de percepção pode ser concebido como o germe do significante, que poderá ser escrito *a posteriori*. Com isso, podemos pensar que com a incidência real diretamente no corpo, sem intermediação simbólica, resta uma marca, uma lesão, uma vez que a percepção é o sistema que implica uma "sensação que imprime-se como ponto traumático" (Nudelman *et al.*, 2017, pp. 307).

Quando a quantidade de excitação excede a capacidade de recepção e a captação egóica de energia, as marcas não passam pelos processos de retranscrições, restando como signo de percepção, marcando o eu-corpo, diretamente. As impressões traumáticas, ou seja, a quantidade de excitação que invade o aparelho psíquico se impõe ao eu e deixa signos de percepção, que constituem um avesso da memória, já que não são da ordem da representação. Trata-se de uma marca que não é traço mnêmico, mas que se apresenta no corpo por meio das lesões.

Da cifra à letra

A presença das lesões escreve algo da ordem do número no corpo. São torções, estiramentos, fissuras, fraturas, que vão marcando o corpo e aparecem como quantificáveis: uma lesão aqui, outra ali, três, quatro, cinco, seis... Quem tem o corpo marcado por lesões, assim as enumera. Nesses casos, trata-se de algo não recoberto pelo significante, de um ciframento, um número que realiza uma contagem absoluta de gozo. Os números, diferentemente dos significantes, são da ordem do real. Por aparecerem cifrados, permitem entrever um sentido que não remete diretamente à sua função de real, mas vislumbra a entrada do real no mundo simbólico do sujeito. Nessa perspectiva, cifra e número estão mais próximos do que é da ordem do signo do que do significante (Miller, 1998). Um signo é aquilo que representa algo para alguém, mas esse alguém, "um pobre sujeito transportado na cadeia" significante (Miller, 1998, pp. 275). A diferença entre signo e significante está na constatação de que o segundo, a bateria significante, está na língua (*lalangue*), enquanto o signo não está na língua (*lalangue*), enquanto o signo não está dado aí. Apesar da relação existente entre os dois, eles não se

equivalem, de modo que o signo, diferentemente do significante, produz um gozo, mediante a um ciframento (Miller, 1998).

Estamos procurando marcar que nas lesões encontramos um ciframento, onde não há significante, mas número, contagem absoluta de gozo, o que remete ao campo do real. O sujeito é tomado de assalto por um gozo avassalador, fica capturado por ele e revela uma grande dificuldade em constituir um significante que traga algum balizamento à sua dor, fazendo com que o corpo fique numa relação de exclusão com a cadeia da linguagem. O ciframento demonstra o corpo marcado, pedaços não representados, à margem do significante, ou seja, apresenta-se como uma libra de carne não recoberta pelo significante. Dessa forma, "a libra de carne não é uma metáfora, ela se constitui como pedaço de corpo não significantizado, indicação do real e do gozo" (Nicolau, 2008, pp. 234).

A cifra de número Um nasce como uma primeira leitura do gozo e traça uma borda, que distingue o sujeito como resposta à posição desamparada e traumática de objeto de gozo. Trata-se do Um do gozo e não do Um do significante, manifestando-se em impulsos sucessivos como uma contagem, de cifragem, o que não pode ser equiparado a uma repetição significativa. Esse Um do gozo consiste em um ponto de real (Nicolau, 2008; Caldas, 2014).

O que faria uma borda, uma barreira a esse gozo seria o campo da linguagem. Nesse sentido, a linguagem lê as marcas no real, nomeando-as, enumerando-as e conectando-as a outros significantes, fazendo surgir a cadeia significativa. Assim, "o que precede a escrita: marca, rastro, signo é lido com a linguagem e aí transformado em escrita" (Masagão, 2008, pp. 329). A letra serve de suporte ao significante, e o discurso enlaça-a na rede do semblante, o que possibilita que o sujeito esteja inserido na trama simbólica e não somente submetido ao Um do gozo. À medida que a letra situa-se fora da cadeia significativa, enquanto ela não reenvia à série significativa e não produz significação, ela apenas faz menção ao sistema significativo escrevendo as vias de suas possibilidades de gozo sempre singulares do ser falante. Em outros termos, "a chuva da linguagem faz escrita de gozo; o que permite ler os riachos está ligado a algo que vai além do efeito de chuva" (Nicolau, 2008, pp. 235).

Mas o que é a escrita no corpo? Em *Lituraterra* (2003) e em *Lição sobre Lituraterra* (1971/2009) presente em seu *Seminário 18*, Lacan parece se aproximar da proposta freudiana sobre o aparelho psíquico presente, na *Carta 52*, onde os signos de percepção aparecem como marcas do trauma, mas ainda não constituem as representações, pois, de maneira similar, como o signo de percepção não é representação, tampouco a letra é significante.

O fato de a letra ser um instrumento apropriado à inscrição do discurso não a faz significante. Veremos agora esse tempo brevemente para podermos nos situar em seu ensino. Em um primeiro momento, Lacan (1998) propõe que o sujeito é efeito da cadeia significativa. Nesse contexto, a letra aparece como carta e o autor brinca com a homofonia que o francês permite, mas que em português se perde: *lettre* é tanto letra quanto carta. A ideia da letra como carta remete à necessidade da construção de um leitor, a quem possa ser endereçada, e permitiria uma leitura, inserindo o sujeito no campo do

simbólico. A letra constitui-se como análoga à irreduzibilidade do significante e, como um significante sempre exige outro, produz um deslizamento sem fim da cadeia, que deixa uma margem “deixada pelo advento de um sujeito que introduz nesse ‘programa’ um ‘algo de si’” (Pacheco & Alberti, 2014, pp. 131).

Anos depois, no *Seminário 18, De um discurso que não fosse semblante*, Lacan (1971/2009) retorna à temática da letra e a sua relação com o significante, sublinhando a anterioridade estrutural da fala em relação à escrita. A letra passa a veicular a possibilidade de escrita e também o encontro com o rabisco de nenhum traço anterior. Com relação à problemática da anterioridade entre escrita e leitura e entre letra e significante, Lacan (1971/2009) comenta que a letra não é primária ao significante, mas que se trata menos de um “exame desse primarismo, que nem sequer deve ser suposto, do que daquilo que, pela linguagem, convoca o litoral para o literal” (pp. 110). O que lhe interessa é pensar o que da letra pode conceder a alguma leitura.

Sobre a letra como litoral, em sua viagem ao Japão, Lacan (1971/2009), no avião, avistou a planície siberiana, onde o escoamento das águas indicava o relevo na latitude. Com base nessa visão, diferente de sua concepção anterior, afirma que a letra é o que produz um litoral, não no sentido de fronteira, mas como aquilo que ao mesmo tempo em que traça uma distinção entre os terrenos também torna essa demarcação fluída, de modo que eles não têm absolutamente nada em comum, nem mesmo uma relação recíproca. A partir disso, traçou uma analogia com a escrita. O escoamento das águas presente nas montanhas funciona como o traço unário. Ou seja, o percurso da água, ao mesmo tempo em que traça um caminho, apaga o anterior, como ocorre com o traço unário, que deixa uma marca e apaga o objeto.

No entanto, Lacan (1971/2009) é cauteloso ao afirmar que esse apagamento não consiste em uma rasura, pois esta se constitui como traço anterior que permite ao litoral fazer terra. Isto é, a rasura não é da mesma ordem que o traço unário. Por meio da rasura do semblante, o significante revela sua função prevalente, a de ser semblante, que, ao se dissolver, aponta para o gozo. A esse processo de rompimento do semblante que desvela a função significante e ao mesmo tempo indica o campo do gozo, Lacan nomeia de ‘ravinamento’ das águas; são as marcas, os sulcos no real. Em suas palavras, o que se “evoca do gozo ao se romper um semblante, é isso que no real se apresenta como ravinamento das águas” (Lacan, 2003, pp. 22). Ravinamento é um termo retirado da Geografia e que diz respeito a um acidente geográfico, produto de uma erosão pela ação de córregos e enxurradas. As ravinas são sulcos formados pela erosão de uma superfície. Lacan (1971/2009) destaca este ponto como central, pois o ravinamento é da ordem do real. Não se trata de uma escrita da qual se decalca o significante, logo, ela não é o ravinamento do significado, ou seja, aquilo que constituiria o significante, pois “a escrita, a letra está no real, e o significante, no simbólico” (Lacan, 1971/2009, pp. 114).

Portanto, o real como aquilo que é expulso do campo do simbólico cria uma marca, um rastro, um sulco. Quando esse rasgo se faz na carne — lesão — singulariza uma maneira de gozo. Diante

disso, podemos conceber que a lesão que em um primeiro momento se apresenta como cifra, com o trabalho de análise, pode passar à letra. Essa letra, que é separada do significante e possui um vínculo privilegiado com o real, permite uma escrita. As lesões, nesse sentido, seriam a escrita do real no corpo, que, diferentemente da cifra, aparece mais dócil ao semblante e ao discurso.

Considerações finais

O saber médico procura justificar a patologia e a dor com a presença de uma lesão; caso contrário, há uma desqualificação. Propomos, nesse trabalho, pensar a lesão do ponto de vista da psicanálise e, dessa forma, como uma escrita no corpo. Para isso, primeiramente, articulamos trauma e lesão com a proposta de conceber a lesão como uma circunscrição do trauma (real) no corpo. Nesse sentido, a lesão aparece como um destino possível diante do encontro com o real, que marca o corpo, mas ainda não se trata de uma inscrição. Quando a carne se marca com a lesão, há uma produção singular sobre o gozo. Trata-se de uma resposta, possível e singular do sujeito diante do real.

A contagem de lesões, das marcas no corpo, apontam para a presença de uma cifra, uma contagem de gozo, que denuncia o circuito surdo e mudo da pulsão no corpo e apresenta uma ilegibilidade. A letra também é ilegível, mas ela é mais dócil ao semblante, à narrativa, ao discurso, o que possibilita que alguma leitura seja efetuada, por mais que diversas vezes não ocorra (Caldas, 2014). A aposta é que com o percurso de uma análise haja a produção de uma diferença a partir da qual o sujeito pode *se* contar ao invés de contar os números, as cifras, no caso, as lesões.

Referências bibliográficas

- Antonello, D.F & Herzog, R. (2012, abril). A memória na obra freudiana, para além da representação. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 64(1), 111-121. Recuperado em 04 de junho de 2019 de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672012000100009&lng=pt&tlng=pt.
- Assoun, P.L. (2009). *Corps et symptome, leçons de psychanalyse*. 3ª. Ed. Paris: Anthropos.
- Barros, M. R. C. R. (2015, mar). Trauma: uma nova perspectiva do real. *Opção Lacaniana online nova série*, 6(6), 1-9. Recuperado em 10 de junho de 2019 de http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_16/Trauma_uma_nova_perspectiva_sobre_um_real.pdf.
- Caldas, H. (2014) Da cifra à letra: uma leitura ilegível do corpo. In: Costa & Rinaldi (org.). *Linguagem e escrita do corpo*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, p. 99-112.
- Caldas, H. (2015, mar). Trauma e linguagem: acorda. *Opção Lacaniana online nova série*, 6 (16), 1-14. Recuperado em 16 de novembro de 2019 de http://opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_16/Trauma_e_linguagem_acorda.pdf.

- Canavêz, F., & Herzog, R. (2011, jun). Entre a psicanálise e a psiquiatria: a medicalização do trauma na contemporaneidade. *Tempo psicanalítico*, 43(1), 111-129. Recuperado em 04 de junho de 2019, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382011000100007&lng=pt&tlng=pt.
- Freud, S. (1996a). Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: uma conferência. Primeiras Publicações Psicanalíticas. In: J. Strachey (ed.) *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira*, (vol. III, pp.35-50). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1893).
- Freud, S. (1996b). Carta 52. Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos. In: J. Strachey (ed.) *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira*, (vol. I, pp. 281-287). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1896).
- Freud, S. (1996c). Sobre o narcisismo: uma introdução. A história do movimento psicanalítico, artigos sobre a metapsicologia e outros trabalho. In: J. Strachey (ed.) *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira*, (vol. XIV, pp.77-108) . Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914).
- Freud, S. (1996d). Introdução a psicanálise e as neuroses de guerra. Uma neurose infantil e outros trabalhos. In: J. Strachey (ed.) *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira*, (vol. XVII, pp.221-231). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1919).
- Freud, S. (1996e). Além do princípio do prazer. Além do princípio do prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos. In: J. Strachey (ed.) *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira*, (vol. XVIII, pp.13-75). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1920).
- Garcia-Roza, L.A. (2003). *Acaso e repetição em psicanálise: uma introdução à teoria das pulsões*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Garcia-Roza, L.A. (2004). *Introdução a metapsicologia freudiana 1: sobre as afasias (1891)/O projeto de 1895*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Gouvea, E. (2007). O aparelho psíquico na Carta 52 e na Interpretação dos Sonhos – uma releitura. *Jornada de Cartéis da Escola de Psicanálise Letra Freudiana*. Recuperado em 11 de dezembro de 2018 de http://escolaletrafreudiana.com.br/UserFiles/110/File/carteis2007/Carteis2007_08.pdf.
- Lacan, J. (1998) O seminário sobre "A carta roubada". In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., pp. 13 -66.
- Lacan, J. (2008a) *Seminário, Livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008. (Trabalho original publicado em 1959-1960).
- Lacan, J. (2008b). *Seminário, Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008. (Trabalho original publicado em 1964-1965).

- Lacan, J. (2009) *Seminário, Livro 18: de um discurso que não fosse semblante*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (Trabalho original publicado em 1971).
- Lacan, J. (2018) *Os não-tolos erram / Os nomes do pai: seminário entre 1973-1974* [recurso eletrônico]. Jacques Lacan [tradução e organização de Frederico Denez e Gustavo Capobianco Volaco]- Porto Alegre: Editora Fi. (Trabalho original publicado em 1973-1974).
- Lacan, J. (2007) *O seminário, livro 23: o sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007. (Trabalho original publicado em 1975-1976).
- Lacan, J. (2003) Lituraterra. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., pp. 15-28.
- Masagão, A. M. (2008, jul-dez). A rasura da letra e a explosão do semblante. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 11(2), 313-331. Doi: 10.1590/S1516-14982008000200010
- Miller, J-A. (1998) *Los signos del goce*. Ed. Paidós S.A.I.C.F.
- Nicolau, R. F. (2008, dez). A psicossomática e a escrita do real. *Revista Mal Estar e Subjetividade*, 8(4), 959-990. Recuperado em 04 de junho de 2019, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482008000400006&lng=pt&tlng=pt.
- Nudelman, C., Mayrink, C., Vieira, C. Alba, D., Gouvêa, E. & Lage, V. (2017) Pulsão de morte: efeitos no eu-corpo (Körper-ich) e trabalho de escrita. In: Carrasco (org.) *El cuerpo, ese otro lugar*. Buenos Aires: Marmol-Izquierdo Editores, 2017, pp. 301-309.
- Pacheco, A. L. P., Alberti, S. (2014) A letra no ensino de Lacan e a escrita de RSI. In: Costa & Rinaldi (org.). *Linguagem e escrita do corpo*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, pp. 127-142.
- Vieira, M.A. (2008, out-dez). trauma subjetivo. *Psico* (PUC-RS), 39(4), 509-513. Recuperado em 11 de dezembro de 2018 em <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/2045>.
- Soler, C. (1998). *El trauma. Conferência pronunciada no Hospital Álvarez*, 1-9. Recuperado em 24 de janeiro de 2019 de: <http://www.bibliopsi.org/docs/carreras/obligatorias/CFP/adultos/lombardi/soler%20-%20el%20trauma.pdf>.

Citação/Citation: Medeiros, C. (nov. 2018 a abr. 2019). A lesão como escrita no corpo. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 14(27), 125-138. Disponível em www.isepol.com/asephallus. Doi: 10.17852/1809-709x.2019v14n27p125-138

Editor do artigo: Tania Coelho dos Santos.

Recebido/Received: 03/08/2018 / 08/03/2018.

Aceito/Accepted: 12/10/2018 / 10/12/2018.

Copyright: © 2019 Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.